



crítica | literatura | artes

jangada

ISSN 2317-4722

n.4, jul-dez, 2014

Literaturas Africanas e
Afro-brasileira

As narrativas dos contos afro- brasileiros de Mestre Didi como patrimônio imaterial

Antonio Marcos dos Santos Cajé

*Mestrando em História da África, da
Diáspora e dos Povos Indígenas –
UFRB. Bolsista da Fapesb (Fundação
de Amparo à Pesquisa do Estado da
Bahia) e colaborador da SECNEB –
Sociedade de Estudos da Cultura
Negra no Brasil.*

Este trabalho tem como objetivo principal analisar os contos afro-brasileiros de Mestre Didi através de uma reflexão epistemológica. Para tanto, pretende-se traçar uma leitura sobre a junção da Literatura com a História, presente nos contos, entendendo como os contos afro-brasileiros possuem um conhecimento carregado de saberes e fazeres cognitivos que não podem ser perdidos ou ignorados. A metodologia utilizada é a teórica, com vistas a uma melhor explicitação do referencial epistemológico; revisão da literatura que tematiza a cultura afro-brasileira e a análise de conteúdo literário.

Palavras-chave: Literatura e História; literatura afro-brasileira; contos; oralidade.

A literatura e a história dos contos afro-brasileiros articulam-se e ganham forma quando a consciência desperta com o impulso da cultura. A procedência dessa literatura surge com bases históricas e é homogeneizada aos poucos, sendo alicerçada pelo sistema dinâmico da oralidade, criando corpo e forma na escrita através da história mítica e do sagrado dos contos. Sendo a mesma fonte deste artigo, essa literatura é transmitida através da oralidade, construindo uma transmissão contínua, sendo, portanto, um sistema dinâmico no qual se encontram símbolos do sistema oral para além das escritas, envolvendo um mecanismo cultural que cria e recria-se. Dessa forma, a literatura dos contos afro-brasileiros e a literatura negra compõem um sistema dinâmico que se faz acontecer, seja na escrita ou na oralidade, transitando e representando-se por um povo negro, construindo leitores orgânicos e críticos, para um povo historicamente oprimido que busca a igualdade.

Importante citar que a literatura negra, na sua concepção brasileira, não rompe com a literatura canônica nacional, exemplos disso são autores como Machado de Assis, Lima Barreto e Cruz e Sousa, já que, através das suas obras literárias passamos a conhecer e compreender a história brasileira.

Vale ressaltar que o objeto da literatura dos contos e literatura negra é o homem negro, dentro de um sistema dinâmico cultural. Problematicando: só é literatura negra, quando a obra literária é criada por um autor negro? No presente artigo, a literatura dos contos abarca um sistema dinâmico dentro da cultura, ou seja: o mundo social, artístico, político, ficcional fantástico, sagrado, estético. Como a literatura dos contos é ampla possuidora de uma cosmovisão, neste artigo, temos como objetivo observar a ocorrência da literatura em compasso com a história, através da análise dos contos afro-brasileiros, que tornam esses dois polos uma possibilidade de reflexão crítica da cultura em relação com o indivíduo nos espaços sociais. Diante disto, destaca-se:

Uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos.

Ela deve considerar que o ‘mundo do texto’, usando os termos de Ricoeur, é um mundo de objetos e de *performances* cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido. Deve considerar paralelamente que ‘o mundo do leitor’ é sempre aquele da ‘comunidade de interpretação’ (segundo a expressão de Stanley Fish) à qual ele pertence e que é definida por um mesmo conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses. O porquê da necessidade de uma dupla atenção: à materialidade dos textos, à corporalidade dos leitores. (CHARTIER, 2002, p. 255-257).

Haja vista que a literatura constitui-se por variadas ramificações, nosso trabalho ficará restrito ao viés dos contos literários.

Para que a oralidade manifeste-se por um conto e preencha a suas funções como processo de memória e acervo histórico, temos que compreender que a oralidade é construída e ressignificada há séculos no **continente africano**, incluindo elementos políticos e sagrados. O poder da oralidade é tão forte, que os sons manifestam-se em todos os níveis culturais, sendo um processo educacional, ético e moral e do senso comum (em rodas de conversas entre amigos, familiares). Segundo Juana Elbein Santos,

a transmissão do conhecimento é veiculada através de complexa trama simbólica em que o oral constitui um dos elementos. O princípio básico da comunicação é constituído pela relação interpessoal. Essa relação realiza-se em todos os níveis possíveis, assegurada por rica combinação de representações e de veículos. Parafrazeando Lévi-Strauss que assinala que a passagem da oralidade para escrita “retirou da humanidade qualquer coisa de essencial...” diríamos que continua a escamotear esse “qualquer coisa de

essencial” da cultura Nagô quando se pretende classificá-la apenas como oral. (SANTOS, 2008, p.51).

Nessa concepção, entender a oralidade como literatura e história é se desprender das amarras contemporâneas, em que muitos pensam que somente a escrita é importante; e que só pelos documentos tocáveis podemos compreender a história. Nesse sentido é que os contos se tornam um bônus para conhecer nossa ancestralidade, nossa essência e memória cultural; seja pela diáspora ou pelas várias influências que essa literatura dos contos afro-brasileiros sofreu. E pode, mesmo assim, refletir para organizar a consciência social do povo negro, uma vez que a literatura no viés dos contos expressa a seguinte relação histórica, conforme pode-se observar no texto literário:

O negrinho escravo

Um pobre e pequeno negrinho era escravo de um rico e avaro fazendeiro. Este fazendeiro tinha um filho que era tão malvado quanto ele, porque maltratavam muito o negrinho; davam trabalhos que só um homem podia fazer e deixavam o pobre negrinho com fome, martirizando-o bastante.

Um dia encarregaram o negrinho de vaquear umas novilhas. O negrinho, cansado de tanto trabalhar, adormeceu no campo enquanto as novilhas pastavam. Os ladrões aproveitaram, fazendo estourar a boiada, e o pequeno vaqueiro se perdeu do gado. Por isso ele foi pisado e espancado pelo fazendeiro, e mandado a procurar o perdido. Sua madrinha Nossa Senhora foi quem lhe valeu, restituindo-lhe todo o gado. Mas o filho do fazendeiro, perverso, enxotou de novo as novilhas para bem longe, e o negrinho perdeu novamente o guardado.

O fazendeiro, quando procurou saber do negrinho pelas novilhas, ele disse que não sabia onde estavam. O fazendeiro, louco de raiva, retalhou o

negrinho com um chicote, e jogou-o como uma posta do sangue dentro de um formigueiro.

Passaram-se dois dias e duas noites. Na manhã do terceiro dia, o ordinário do fazendeiro, passando por perto do formigueiro onde tinha jogado o negrinho, foi dar uma espiada para ver como ele estava. Quase desmaiou quando viu o pobre negrinho vivo, de pé, lindo e sereno saindo de dentro do formigueiro e se encaminhando para a mata com sua madrinha Nossa Senhora, que o abençoava.

Diz o povo que esse negrinho até hoje ainda existe por ai, pelos campos e caatingas. Uns dizem que ele se transformou no Saci, outros dizem que é a Caipora, e ainda tem muitas pessoas que julgam ser ele um anjo bom e generoso, porque é quem ajuda a achar e descobrir os animais e objetos perdidos nas matas.

E assim o pobre negrinho paga depois de morto, beneficiando aos outros, o que sofre durante toda sua vida. (SANTOS, 2004, p.78).

O conto acima evidencia a face da criação literária como ferramenta documental historiográfica, tendo como missão divulgar e promover o intercâmbio ideológico social, num determinado momento do cenário brasileiro. Deoscóredes M. dos Santos, Mestre Didi, foi o Alapini, supremo sacerdote do culto aos ancestrais africanos e afro-brasileiros. Ao longo de sua vida, aprofundou com dignidade e sabedoria a intrínseca relação entre a ancestralidade e a cultura. Esta, deve ser apreendida como uma marca da representação das relações interpessoais, que cria uma consciência do indivíduo através desses contos. A junção entre literatura (cânone/produção coletiva), história e conto (narrativa oral/individual) constitui uma tríade, em que a história de um determinado indivíduo possui uma representatividade relevante para a compreensão das ações deste homem ou mulher como construtor/a da História.

Vamos compreender através de Muniz Sodré uma definição do que é a literatura através dos contos:

Não há nenhuma “verdade profunda” nesse relato, nenhum significado “recalcado” que possa ser trazido à luz por quaisquer sutilezas de interpretação. Ele se limita a *contar* a visão de um grupo específico sobre a causa de suas vicissitudes históricas. Na imediatez do texto, na aparência da narração, essa historiada conta de dois elementos cruciais: (a) as relações de poder do europeu com africano; (b) o descuido das obrigações, origem do infortúnio negro. Na realidade, ao falar da supremacia (pela força, pela ideologia) de um campo de poder “branco” - fato por demais conhecido na História do Brasil -, o conto reitera a persistência de uma cultura negra - fato insuficientemente avaliado na História do Brasil - mediante o apelo a uma de suas regras fundamentais, a obrigação. (SODRÉ, 2005, p.89).

Nessa representação, os contos semeiam um pensar particular para o coletivo e vice-versa; reverberam personagens, passagens e situações da história, que se constituem como retratos da escravidão e do período pós-abolição.

O que se diz e o que se ouve

Ao pensarmos no conceito de conto, imaginamos imediatamente uma fabulação maravilhosa - e não estamos totalmente errados. No entanto, os contos afro-brasileiros possuem uma dinâmica histórica particular. Assim, à busca de compreender estes textos como uma literatura de consciência social dentro da negritude, compreendemos que, nas palavras de Octavio Ianni,

uma inspiração básica, na formação da literatura negra, é o movimento social negro. Compreendido

em sentido lato, ele transcende o presente, resgata o passado, desvenda as relações entre a colônia, o império e a República, lança raízes na África, busca o quilombo e Zumbi, manifesta-se no protesto e na revolta. Nesse vasto cenário, atravessando épocas e continentes, emergem o negro, a negritude, a negricia, o *ethos* cultural, a comunidade, a nacionalidade afro-brasileira (DUARTE, 2011, p. 194).

O historiador Nicolau Sevcenko elucidou, com clareza, a importância da junção da história com a literatura. Diante disso, pode-se analisar como somos mutáveis e plenos. Em sua obra “Literatura como Missão”, em que o diálogo da literatura com a história é possível e plausível e pode proporcionar ao indivíduo um entendimento acerca de sua história; não só dos fatos históricos, como também da própria mentalidade de uma determinada época. Um exemplo disso são os textos de Machado de Assis, que ultrapassam a linha romanceada, passando a ter um papel fundamental na política e nos movimentos sociais, situando o escritor como um crítico de uma sociedade que pleiteia uma modernidade em meio ao vigor rígido de um pensamento colonizador e colonial; tais características estão presentes em seus personagens e crônicas. A tentativa deste artigo é mostrar que a literatura e a história coexistem e dialogam transversalmente nos contos afro-brasileiros, de maneira peculiar. Neste caso, a contística machadiana, por exemplo, pode ser vista como universalmente historiográfica, passando pelas relações de poder inerentes à sociedade oitocentista e seus “personagens”.

Assim, história e literatura complementam-se quando se pretende construir uma representação do passado. Pela relação da história com o imaginário, em especial, nos contos afro-brasileiros de Mestre Didi, Reginaldo Prandi e Mãe Beata de Yemonjá, verifica-se que os contistas lidam igualmente com fato e ficção, a partir de suas realidades, seja no campo do sagrado ou das relações interpessoais. Aproximam, então, realidade e literatura,

em uma produção onde encontramos elementos vastos da historicidade.

Em seus estudos, Chartier (2002) ressalta que “Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados”.

Os textos escritos ou orais dos contos que nascem tanto do real quanto do imaginário fantástico, contribuem consideravelmente na busca das raízes ancestrais, sejam africanas ou afro-brasileiras, quando acontecem esses encontros. Surge, assim, memória e história através da literatura, organizando-se a consciência do povo negro e das demais raças no Brasil.

No universo dos contos como bens culturais, essa expressão literária passa a construir uma forma sociocultural, sendo um fato histórico que representa as mais variadas experiências, hábitos, gestos e costumes, projetando composições de valores e regras. Essa forma de ler o mundo pelos contos possibilita o registro do que pode ser ou do que foi: aponta para uma historicidade de uma sociedade com alicerces simbólicos. Roger Chartier se mostra contrário à distinção objetiva e precisa entre a história e a ficção. Um exemplo dessa impossibilidade distintiva seria a apropriação de um fato verídico em um conto, como ocorre na obra de Mestre Didi, na história do engenho abandonado – caso verídico acontecido em Santo Amaro da Purificação, Estado da Bahia:

Em Santo Amaro da Purificação, existiu há muitos anos uma senhora, que ficou viúva com a filha e que, não tendo onde morar resolveu residir em um pedaço de engenho, que existia numa fazenda distante.

A parte do engenho que ainda existia era justamente o lugar da antiga capela, onde se conservavam ainda algumas imagens estragadas.

Durante o dia, a mãe e filha faziam os trabalhos domésticos e costuravam rendas. À noite, tinham por costume rezar o terço até a hora de dormir.

Certa vez, elas se distraíram rezando e ficaram até mais tarde do que de costume; quando se lembraram de dormir, ouviram vozes de pessoas que encaminhavam para aquele lugar. Notaram também que carregavam um corpo dentro de uma rede, conforme era de costume da época.

Chegaram bem no meio delas, botaram a rede no chão e começaram a rezar justamente com elas.

Daí a pouco, ouviram o canto do galo, e uma das pessoas que tinha vindo com a rede disse para os outros: – Quem ajudou a rezar, fica com o defunto para enterrar –, desaparecendo todos de uma só vez.

A viúva e a filha correram com medo e foram dormir.

Amanhecendo o dia, ficaram pensando como enterrar o defunto, pois não tinham dinheiro para comprar a sepultura.

No momento, lembraram de pedir ajuda ao vigário da freguesia para fazer o enterro, e a filha perguntou:

– Mamãe, como podemos fazer isso? Nem sabemos se o defunto é homem ou mulher...

Então, resolveram fazer um furo na rede para poder certificar e ficaram assombradas ao verificarem que dentro da rede só existia dinheiro.

Ficaram tão ricas que nunca mais foram vistas em Santo Amaro, até a data presente. (SANTOS, 2003, p.25).

Nesse caso, não dá para questionar se esse conto foi real ou é ficção. O fato é que esse conto já passa a ser um documento histórico literário, a partir do momento em que retrata a passagem de uma região e os costumes das duas mulheres. Sendo assim, a literatura apropria-se não só do passado, como também dos documentos e das evidências da história. Ao utilizarmos a literatura dos contos como documentos para a produção

epistemológica da história, necessitamos compreender que tipo de conto está “a dizer e a ouvir”, são contos cosmogônicos, etiológicos, clanísticos:

Cosmogônicos – São construções cognitivas acerca das perspectivas mitológicas, onde os deuses interagem com os homens e mulheres. Os contos cosmogônicos entrelaçados com os mitos buscam explicar o mundo e o universo através de um imaginário para uma realidade.

Etiológicos – Contos de características etiológicas, onde as concepções concebidas para explicar e justificar a criação e os fenômenos de origem da natureza e definições do ser e do lugar e dos seus costumes e hábitos tornando assim uma ação contínua do agir através dos diversos exemplares da vida.

Clanísticos – Os contos com aspectos clanísticos são muito presentes na literatura afro-brasileira dos contos, pois explicam determinados procedimentos de uns grupos, clã, tribos, esses contos foram de inteira significância para os homens e mulheres. (CAJÉ, 2014, p. 17-23).

Nesse caso, através do reconhecimento da tipologia dos contos afro-brasileiros, é possível que o historiador recorra às fontes que mais achar propícias, com o intuito de analisar os contos como ferramentas historiográficas.

Acredito que a maior pertinência da literatura e da história pelos contos reside no âmbito da cultura afro-brasileira que lida com variadas questões historiográficas, políticas e estéticas. Funcionando, assim, de maneira conscientizadora; nesse caso a história resgata a memória do povo negro, entre a diáspora Brasil/África, possibilitando a essa literatura amplas formas de análises e reflexões pelas diversidades culturais: seja pela religião; pela política; pela estética, música; essas presenças são constantes na nossa história contemporânea, que procura conduzir o leitor pelas tramas que ocorrem nesse país colossal que é o Brasil, com

suas multifaces culturais, sejam plurais ou singulares, que englobam autores como Machado de Assis, José Lins do Rego, Bernardo Guimarães, Mestre Didi, Mãe Beata de Iyemonjá, Abdias Nascimento, Muniz Sodré, Marco Aurélio Luz, Pierre Verger, que marcam com integridade, em seus textos, a história e nuances dos povos brasileiros. A partir da leitura de tais textos, podemos encontrar as favelas, a luta por justiça social, a imagética, o branqueamento, a riqueza e a pobreza.

Essa literatura vinculada à história ganha uma dimensão entre o passado e o presente, quando é lida e ressignificada pelos leitores, pois corresponde à construção de uma oralidade e escrita para um sistema dinâmico. Deste modo, a literatura negra ou afro-brasileira é parte constitutiva da literatura brasileira, sem isolamento.

A literatura dos contos, enquanto depoimento histórico, passa pelo crivo de uma série de processos sociais que a elucidam como ferramenta específica do particular ao universal, que neste caso necessita ser investigado e refletido como qualquer outra forma de documento. Há de se convir que o pesquisador observe atentamente sobre a produção estudada e qual a relação dos contos, seja como ficção fantástica ou contos baseados em relatos populares do real; ou seja, do cotidiano das relações pessoais.

Essa literatura dos contos afro-brasileiros construída em uma esfera cultural produz uma composição de variações da história com bases populares, possibilitando duas formas de investigação histórica: pela oralidade; ou pela escrita. Diante da primeira, já foi relatado. E na escrita também ocorreu o mesmo, através dos livros: um exemplo a ser citado são os Cadernos Negros que foram criados em 1978, lançando uma série de contos, situados no âmbito da consciência e símbolos da cultura negra; cujo relançamento ocorreu em março de 2015 – Cadernos Negros – volume 37, com a mesma proposta de valorização do povo negro, refletindo sobre sua imagética e sua estética.

A literatura dos contos afro-brasileiros, assim como outros documentos e arquivos, preserva as características de um determinado povo, bem como seu espaço, dialogando com as

várias vertentes e tradições das diásporas. Os contos, como ferramenta histórica, podem ser apresentados pela esfera da micro-história de Ginzburg, que permite a abordagem do cotidiano de comunidades determinadas, explanando suas atividades e complementando, assim, as características da realidade, utilizando suas fontes populares e construindo sua identidade etnográfica pelas narrativas, sendo um mecanismo literário que enriquece a pesquisa histórica do povo negro.

Em nenhum caso a micro-história poderá limitar-se a verificar, na escala que lhe é própria, regras macro-históricas (ou macro-antropológicas) elaboradas noutro campo. Uma das primeiras experiências do estudioso de micro-história diz realmente respeito à escassa e por vezes nula relevância das mutações de ritmo (a começar pelas cronológicas) elaboradas em escala macro-histórica. Daí a importância decisiva que assume a comparação. (GINZBURG, 1989, p.178).

Na citação acima podemos observar que os contos, como processos de entendimento historiográfico, podem indicar situações históricas e de suas relações. Em outra análise de Ginzburg sobre o papel da literatura e da história, podemos refletir:

Até apouco tempo a grande maioria dos historiadores via uma nítida incompatibilidade entre acentuação do caráter científico da historiografia (tendência assinalada às ciências sociais) e reconhecimento da sua dimensão literária. Hoje, no entanto, este reconhecimento torna-se cada vez mais extensivo também a obras da antropologia ou sociologia sem que isso implique necessariamente um juízo negativo da parte de quem o formula. Aquilo que em geral é sublinhado, porém, não é núcleo o cognitivo que se pode encontrar nas narrações de ficção (por exemplo, as romancescas) mas sim o núcleo

fabulatório que se pode encontrar nas narrações que se pretendem científicas – a começar pelas historiográficas. (GINZBURG, 1989, p.194).

A relação entre o contexto da literatura e a história resulta numa simbiose que testemunha os costumes, registra-se como depoimento da historicidade e, nesse sentido, podemos analisar na alegoria da história contada ações e reações do nosso cotidiano e passamos a repensar os nossos hábitos e nossas crenças. Portanto, a literatura através dos contos afro-brasileiros apresenta-se como um aspecto que intensifica a escala do imaginário ao real, como acervo memorial histórico e cultural para a nossa sociedade.

Fechou os olhos tentando dormir. Não conseguia. O balanço do navio negreiro a enjoava, o corpo doía, o corte no pé latejava. Adetutu não tinha forças para nada, a não ser chorar. Onde estariam seus pequenos Taió e Caiandê? Talvez nunca mais os visse, nunca mais os abraçasse nem lhes desse o leite que agora escorria dos seios inchados e doloridos.

Adetutu sentiu nos lábios ressequidos o sal de suas lágrimas; soluçava. No escuro do porão apertado e fétido do navio negreiro, que se arrastava pelo oceano na noite sem estrelas, a mulher deitada ao lado fez um esforço para vencer o peso das correntes que uniam e apertou o braço de Adetutu num gesto de conforto. E de dor compartilhada pelo destino comum dos que haviam sido caçados para ser escravos em terras estrangeiras.

Adormeceu e sonhou com seu mundo e sua gente, dos quais fora arrancada para sempre. Sonhou com os dias em que, no templo, cuidava de seu deus Xangô talvez a tivesse abandonado se desvaneceu no sonho. Teve a impressão de ouvir, através das paredes do navio, palavras de encorajamento

vindas de Xangô no soar de um trovão. (PRANDI, 2007, p. 08)

De acordo com o autor citado acima, a construção da história pela evidencia da diáspora narrada por essa história à produção literária pode oferecer elementos próprios de uma cultura pelos contos afro-brasileiros podemos compreender a riqueza e as abordagens da historicidade de um povo.

O desenvolvimento deste artigo se estruturou inicialmente no estudo teórico que permite aos investigadores um entrelaçamento da literatura e da história como mecanismo de compreensão dos fatos históricos através dos contos afro-brasileiros que contribuíram e contribuem para o acervo da cultura do povo negro, do povo afrodescendentes.

Quanto aos instrumentos de pesquisa optei pela observação que acontece nos contextos naturais, possibilitando uma relação entre o objeto de estudo os contos e as fontes teóricas.

As etapas metodológicas que viabiliza analisar os contos afro-brasileiros pela ótica da historiografia são:

a) Levantamento completo e leitura da bibliografia, específica do corpus da pesquisa;

b) Teórica, com vistas a uma melhor explicitação do referencial epistemológico;

c) Revisão da literatura que tematiza a cultura afro-brasileira a partir das referências dos textos tomados para análise.

Ressaltando que este artigo é uma produção em andamento, estando aberto a novas revisões e pesquisas.

Referências

BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: UNESP, 2002.

CADERNOS NEGROS, nº 24. **Contos afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhole, 2001.

CAJÉ, Marcos. **Afrocontos: Ler e ouvir para transformar**. Salvador: Quarteto, 2014.

CARDOSO, C. F. S. **A ficção Científica, Imaginário do mundo contemporâneo: Uma introdução ao gênero**. 1. Niterói: Vício de Leitura, 2003.

CARDOSO, C. F. S. **Narrativa, Sentido, História**. Campinas: Papyrus, 1997.

CARDOSO, C. F. S. Um historiador fala de teoria e metodologia: Ensaios. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2005.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

COSTA, Beatriz Moreira (Mãe Beata de Iemanjá). **Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros: como Ialorixás e Babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos**. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

GINZBURG, Carlo. **1939 - Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. Trad. Federico Caroti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Difel/ Bertrand, 1989.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra em tempos pós-modernos**. Salvador: EDUFBA, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Deoscóredes M. (Mestre Didi). **História da Criação do Mundo**. Olinda, 1988.

SANTOS, Deoscóredes M. (Mestre Didi). **Xangô, el guerrero conquistador y otros cuentos de Bahia**. Buenos Aires: Ediciones Silva Diaz, 1987.

SANTOS, Deoscóredes M. (Mestre Didi). **Contos crioulos da Bahia: Creole Tales of Bahia: ÁkójopòtànÁtenudénuIran Omo Odùduwànilè Bahia (Brasil)**. Salvador: Núcleo Cultural Níger Okàn, 2004.

SANTOS, Deoscóredes M. (Mestre Didi). **Contos negros da Bahia e contos de Nagô**. Salvador: Corrupio, 2003.

SANTOS, Deoscóredes M. (Mestre Didi). **Porque Oxalá usa Ekodidé**. Salvador: Cavaleiro da Lua, 1966.

SANTOS, Deoscóredes M. (Mestre Didi). **Yorubá tal Qual se Fala**. Salvador: Tipografia Moderna, 1950.

SANTOS, Elbein J. dos. **Os Nagôs e a Morte**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SANTOS, Juana Elbein dos (org.). **Ancestralidade Africana no Brasil. Mestre Didi: 80 anos**. Salvador: SECNEB, 1997 (CD-ROM).

SANTOS, Juana Elbein dos (org.). **Autos Coreográficos Mestre Didi, 90 anos**. Salvador: Corrupio, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, Jaime. **A influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do Mestre Didi**. São Salvador: EDUFBA, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.